

Tempo ruim

— Você vai pra praia com um tempo desses?

Ouvi a pergunta milhares de vezes. Menti milhares de vezes:

— Assim sobra mais espaço na areia pra gente jogar bola...

Minha mãe suspira enquanto traz da cozinha o café e o pão francês. O café, ela acabou de fazer. O pão é o da véspera porque sou eu que compro, e não acordo cedo nas férias de meio de ano. A manteiga também fui eu que comprei no supermercado. Minha mãe não sai de casa há nove anos. Quer dizer, ela sai de casa, mas não atravessa rua nenhuma, e a padaria fica a duas quadras. Por isso, comprar pão passou a ser parte das minhas atribuições. Mais tarde, depois que cresci e que a vovó se cansou de servir de faz-tudo, ir ao supermercado e ao banco também passou a ser comigo. Minha mãe ficou com o jornaleiro, a farmácia e o açougue. Claro que ela não vai ao cinema há nove anos. Vive diante da tv.

— Então cuidado para não se machucar de novo... — pede.

Minha mãe não esquece um dia bem parecido com este, uns dois anos atrás, em que apareci com o lado direito da testa em carne viva porque uma bola molhada, pesada, toda grudada de areia, tinha raspado ali. Bem, foi isso que declarei, sério. Até hoje não sei se ela acreditou de verdade ou se preferiu não pensar nas alternativas. Fiquei com a marca na testa. Não chega a ser uma cicatriz, mas dá para notar que um dia ali faltou pele. A marca mexe com as meninas. Quando elas prestam atenção em mim, claro.

— Antes de ir jogar bola, leva a Pri pra fazer o cocozinho dela, por favor.

Minha mãe não precisaria nem pedir. A bicha sabe que a hora do alívio matinal está próxima a partir do momento em que nos levantamos da mesa do café. Ela dá seus latidinhos agudos, some dentro do quarto da minha mãe e volta com a coleira vermelha entre os dentes, como se sorrisse, à espera de quem será seu benfeitor. Como hoje chuveira, serei eu. Troco o pijama de flanela e os chinelos pelo calção comprido e os pés descalços, pego minha chave, chamo a cachorra, desço. Enquanto a Priscila irriga e fertiliza os canteiros da Miguel, cruzo com a coroa gostosa do prédio de tijolinhos vermelhos, que tem a mania de trazer o cachorro dela para cagar do lado de cá da rua.

A coroa está fumando com cara de tédio, debaixo de um guarda-chuva florido, espremida dentro de um moletom cinza, esperando o cachorro se dar por satisfeito. Deve ter trinta e cinco, trinta e seis, quase a idade da minha mãe, mas ainda dá um caldo. É morena, tem cara de paraíba. Raimunda, sabe? Como sempre, ela me ignora, mas a Priscila salva as cores da família e mete o focinho comprido de fox terrier no rabo daquele poodle remelento dela. A coroa faz uma cara de desgosto, mas nem assim dá mostras de registrar minha existência. Faz meia-volta e segue em direção à Barata. Fico olhando o rabo dela. Nisso, o meu olhar cruza com o do porteiro moreno do 84, que fazia a mesma coisa, olhava o rabo da coroa gostosa do prédio de tijolinhos vermelhos, a gente ri e se dá bom-dia.

Chego perto do meio-fio e olho para a janela do nosso apartamento, meio escondida pela pequena marquise e pelos galhos mais baixos das árvores. Nem sinal da minha mãe, que ainda deve estar na cozinha lavando a louça do café ou já preparando o almoço. Assim, faço algo do qual ela não pode nem desconfiar, senão morre do coração. Solto a coleira da Priscila. Esse pouquinho de liberdade, junto com o prazer das entranhas esvaziadas, deixa a bicha ainda mais feliz, inocente, pura, rabinho abanando. Observo ela farejando a calçada de pedras portuguesas sujas e molhadas, atento para que não coma algo que não deve.

Mês passado, o boxer da outra esquina morreu envenenado porque comeu chumbinho para rato de um dos canteiros.

Penso que vou ficar muito mais triste quando a Priscila morrer do que fiquei quando meu pai morreu. Eu tinha só oito anos. A Pri tem oito, quase nove agora. Ela já está comigo há mais tempo do que meu pai. Também somos mais íntimos e companheiros. Quando tempo dura um fox terrier? Doze? Treze anos? Meu pai durou pouco. Proporcionalmente, quer dizer. Difícil entender por que ele atravessou a rua sem olhar. O sinal que desce do Corte já tinha aberto. Como sempre, os carros vinham pisados, apostando corrida para ver quem fazia primeiro a tomada de curva na Nossa Senhora. Um Corcel GT velho jogou ele para o alto, o 473 lotado que vinha atrás passou por cima, um Fusca conseguiu frear, mas era tarde. Meu pai já era alguma outra coisa.

Minha mãe viu tudo da janela do quarto. Acho que meu pai devia estar olhando para ela, a esposa mais ou menos feliz se despedindo do marido a caminho do trabalho na empresa de engenharia, mas isso é só impressão minha. Nunca perguntei para minha mãe se foi isso mesmo. Naquele dia, depois do que viu, ela não conseguiu sair da janela. Os porteiros da rua deram um jeito de isolar o corpo derramado meio no asfalto meio na calçada. O seu Francisco tocou a campainha lá de casa, ninguém atendeu, e ele ficou preocupado,

achando que minha mãe pudesse ter morrido do coração. Os guardas de trânsito foram convocados para arrombar a porta. Encontraram minha mãe ainda parada em frente à janela, chorando em silêncio, as lágrimas escorrendo pelo rosto, ensopando o penhoar. O seu Francisco era safo, achou o número da vovó no caderninho perto do telefone. Só sei disso porque ele mesmo me contou, quando cresci um pouco. No dia do atropelamento, eu estava na escola. Lembro do inspetor Barbosa na porta da sala, confabulando com a dona Regina, os dois me olhando de um jeito sombrio.

Vovô me esperava no pátio da escola. “Uma coisa muito ruim aconteceu com teu pai”, ele disse. Na minha memória, aquele foi um dia chuvoso, como hoje. Quer dizer, eu apaguei da memória certas coisas daqueles dias. Devo ter chorado, sem saber direito o que tinha acontecido de tão ruim com o meu pai. Só descobri em casa. Minha mãe estava no sofá, amparada pela vovó, e me abraçou soluçando. Entendi tudo, só não sabia como tinha sido. Tio Sérgio estava na rua, cuidando “das coisas”. As coisas eram meu pai.

Antes que eu fique sentimental, chamo a Pri, recoloco a coleira, subo a escada e devolvo a cachorra para minha mãe sem nem entrar em casa. Minha mãe faz uma última recomendação, a de sempre, tomar cuidado ao atravessar a rua. Beijo ela, dou tchau e desço de novo, pulando os degraus para o térreo de dois em dois. Atravesso

a Leopoldo, passo para o lado de lá da Miguel, espero o sinal da Nossa Senhora abrir, quase corro dele até a Aires Saldanha, dou uma olhada rápida para ver se não vem carro, não vem, engulo mais uns trinta metros de calçada. A imensidão da praia se abre diante de mim, clara, mesmo num dia assim. Não espero os sinais da Atlântica fecharem, atravesso no meio do trânsito. Um motorista me xinga de veado, eu rio e mando ele ir tomar no cu.

O tempo realmente está feio paca. Aqui, no descampado, chove mais forte e até eu, o pinguin louro, sinto um pouco de frio. Dá para ver que está chovendo ainda mais forte lá para os lados do Leme, porque mal enxergo a pedra. Cruzo a areia pensando na minha mãe, coitada. Hoje não teria gente o bastante nem para bater uma dupla de praia, quanto mais uma pelada de onze contra onze. Mas o mar, o mar está maneiro. Não grande, ao menos não ainda, mas maneiro, promissor. De vez em quando quebra uma sequência bonita. Cada sequência me parece maior do que a anterior. Sim, o mar está subindo, sem dúvida. Não tem ninguém na água aqui no Posto Quatro e meio. Tem uns caras de morey boogie pegando as direitas lá na Bolívar e só. Por que haveria de ter mais gente, se é dia de semana, chove e faz frio? Só fominhas que nem eu amanhecem na praia. Talvez eu seja o mais fominha dos fominhas. Fico ansioso para meus conhecidos acordarem e virem pegar onda. Entrar sozinho num mar subindo rápido assim é a

maior roubada. Uma câimbra e você já era. Tem que entrar no mínimo em dois, um zelando pela segurança do outro. Básico.

Na falta de companhia, fico em cima do barranco de areia, estudando as ondas, as correntes que se formam. Não tem um dia em que o mar esteja exatamente igual ao da véspera e esse é um dos grandes baratos da vida. Você acha que conhece um point, e ele te surpreende a cada manhã. De vez em quando, passa alguém fazendo Cooper na areia endurecida pela água e olha para cima, vendo um quase adulto observando o horizonte, insensível à chuva, ao vento e ao frio. Sou bom nisso. Quer dizer, não na pose, mas em pegar onda. Foi aquele meu tio Sérgio, irmão caçula da minha mãe, quem me ensinou a nadar. Ele tinha aprendido na piscina do Olímpico, com professor e tudo.

Mais tarde, quando meus pais não estavam prestando atenção da areia, fui aprendendo a pegar jacaré só de olhar os garotos mais velhos. Se eu tinha jeito para alguma coisa na vida era para aquilo. Ainda bem, porque eles jamais me pagariam uma prancha. O dinheiro nunca foi muito, e sempre havia outras prioridades. Ajudou que aqui na área o mar não é bom para pegar onda com prancha. Ele fecha muito rápido e muito oco, bate forte no fundo, às vezes bem pertinho da areia, dois dedos de água para amortecer a queda. Foi assim, aliás, que conquistei a marca na testa. A onda chupou a água quase toda para debaixo dela e, quando dei a

cambalhota, raspei os cornos na mistura de areia, pedrinhas e conchas quebradas. O engraçado é que não doeu, não sangrou. Nadinha. Ficou em carne viva, só. Notei que tinha alguma coisa diferente comigo quando saí da água, e as poucas pessoas na areia ficaram olhando para a minha cara. Até achei que estavam admirando o autor da performance do dia. Mané. Quando cheguei na turma, o Gaúcho falou “cara, tu te fodeu”, apontou para a minha testa e só então eu senti uma certa ardência. Passei o resto da manhã pensando numa desculpa. Pintou aí a história da bola grudada toda de areia.

Eu me dei mal naquele dia porque depois que fiquei mais velho, mais confiante, comecei a pegar ondas imitando o Alemão. O Alemão era uma lenda. Um cara que só aparecia quando o mar estava realmente alto. Alto não, medonho. Tinha sido um dos dois únicos caras a entrar na famosa ressaca de 1966. Apenas ele e o Presunto lá fora. Então, o Alemão só pegava ondas grandes paca. Não bastasse isso, o barato dele era despencar lá de cima de cabeça, sem pôr na frente o braço que poderia fazer a diferença entre uma onda segura e uma lanhada feia na testa. O Alemão despencava com as mãos para trás, como se estivesse fazendo uma reverência para o oceano. Era lindo. E podia ser perigoso. Mas tem alguma coisa bonita que não seja perigosa?

Corria a lenda de que o Alemão não tinha os dentes e sim uma dentadura de aço, como

aquele gigantão dos filmes do 007. Diziam que ele tinha se dado mal numa de suas despencadas no Havaí. Tinha estraçalhado os dentes numa bancada de coral. Daí a dentadura de aço. Bem depois de eu ter começado a admirar o estilo do Alemão, bem depois até de eu ter começado a imitar o estilo do Alemão, nós ficamos amigos. Ele estava saindo da água, após uma daquelas sessões mitológicas, e fui dar os parabéns para ele. O Alemão não era muito alto, mas era assim gordo, gordo de forte, e olhou para aquele fedelho magricela que tinha coragem de ir falar com ele. Aí ele sorriu. Foi quando saquei que, dentadura de aço porra nenhuma, ele tinha os dentes normais. Ou, ao menos, uma dentadura normal. Meses depois, conversando com o Alemão, descobri que ele nunca tinha estado no Havaí. Só tinha ido à Alemanha, visitar os avós. Não sei se dá onda na Alemanha. Será que se hoje o mar subir bastante o Alemão vai vir?

Olho instintivamente para o paredão de prédios, na direção da Xavier. Nem sinal do Alemão. Tem pouca gente na calçada, gente com cara de turista que não quer perder a mundialmente famosa Praia de Copacabana só porque está chovendo e fazendo frio. Esse frio na terra deles deve ser alto verão. Estou rindo por dentro de um cara sem camisa, vermelho que nem um leitão por causa do sol dos dias anteriores, só faltando a maçã na boca, quando um ponto se destaca na calçada e começa a cruzar a areia na minha direção. É o

PQD, metido numa camiseta estampada. Não sei o nome dele, acho que ninguém sabe, mas ele mora na Domingos, e o apelido é porque prestou serviço na Brigada Paraquedista. Rola também o papo de que ele foi dispensado antes da hora por problemas mentais. Isso só torna o PQD mais legal. Apenas uma pessoa saudável pode ser dispensada por problemas mentais ao servir o Exército, certo?

— Fala, PQD! — bato continência de longe.

— E aí, Alain? — ele responde, meio envergonhado. Alain não é meu nome, mas eu conto essa história noutra hora. — Marzinho subindo, hein?

— Pois é, maneiro... Estava aqui esperando companhia pra entrar.

PQD funga antes de responder:

— Deixa eu acordar primeiro.

Ficamos os dois ali, em silêncio, só manjando as ondas. Gosto de pegar onda com o PQD. Ele não fica se mostrando e é calmo pacas. Se o cara se acostumou a pular de paraquedas todo armado, antes até de tomar café da manhã, ele não vai se estressar por pouco, vai? Ele não se estressa, não muito. Deve ter uns seis meses isso que vou contar agora, ainda era verão. Mar de verão é uma bosta, a água é fria demais, mal tem onda e, mesmo assim, a gente tem que se desviar da paraibada na hora de despencar. Naquele dia, as ondas estavam até melhorzinhas para a estação. Isso costumava

deixar a água livre para quem entende do riscado, tipo eu e o PQD. Mas de vez em quando tem um suburbano que decide se mostrar para a suburbana e dá merda. Foi o que aconteceu. O sujeito foi pego em vez de pegar a onda, tomou as duas seguintes na cabeça e voltou lá para dentro do mar todo esbaforido, dizendo que ia morrer, ia morrer e o caralho. Nisso, ele pulou no pescoço do PQD. Erro feio. O PQD encheu a mão fechada na cara do suburbano, que apagou. Eu fiquei surpreso pela rapidez e pela intensidade da reação, mas o PQD me perguntou suavemente: “Vai ficar só assistindo ou vai me ajudar a rebocar esse infeliz pra areia?”. Aprendi a lição. Às vezes, só a porrada salva. Um afogado em pânico pode arrastar mais gente com ele. Melhor ficar com um olho roxo do que com os pulmões cheios d’água. Quando o cara acordou, agradeceu a gente.

— Tou pronto — declara PQD. — Vamos nessa?

Respondo descendo o barranco correndo. Ele vem atrás, sem tirar a camisa, andando devagar. A gente fica em pé no raso com água morna pelas canelas durante alguns minutos, esperando acabar uma sequência que entrou. O mar continua subindo. A gente ri um para o outro, meio de nervoso. Tem que ser macho para entrar agora. Você não sabe como a coisa vai estar dali a cinco, dez minutos. A aparência da água também não está lá muito amistosa hoje. Com o céu pesado,

nublado, ela fica meio verde, meio cinza-escuro. Confesso que não ver direito nem o meu próprio pé lá no fundo meio que me dá nos nervos. Isso acontece desde que eu era criança, desde que vi *Tubarão* no Copacabana. Uma mulher na minha fila vomitou numa daquelas cenas toscas de gente mutilada, a hora em que a cabeça sai pelo buraco num casco.

Na época em que o filme foi lançado, meus pais foram convidados por um casal de amigos para um domingo na piscina do clube deles, lá na Barra. Eu já sabia nadar, ninguém precisava se preocupar comigo, eu me aventurei até a parte mais funda. Sei lá o que me deu, mas eu sentia que tinha um tubarão dentro da piscina. Não adiantava abrir os olhos debaixo d'água, olhar em volta e só ver pernas e azulejos. Eu sentia o tubarão. Me deu um pânico cavernoso. Saí batendo braço depressinha. Quase voei pela borda da piscina. Pena que não tinha ninguém cronometrando meu tempo. Era recorde na certa. Deixei a respiração normalizar e fui comer batata frita na nossa mesa.

Não vou dizer que me curei disso, dessa paranoia de tubarão. Mas a gente aprende a conviver com as doenças, não aprende? Só pode ser doença isso de sentir um tubarão branco dentro de uma piscina na Barra da Tijuca. Aqui, no mar, não é que não tenha tubarão, tem sim. De vez em quando, os pescadores da colônia lá do Posto Seis passam a rede de madrugada pela enseada e, quando tiram,

vem uma dúzia ou mais de tubarões. Não são assim bem tubarões, são uns cações, menorezinhos, mas cheios de dentinhos que cortam do mesmo jeito. Para fingir que não estão comendo tubarão, as pessoas chamam de viola, de cação-viola. De vez em quando, minha mãe me manda comprar duas postas de viola na peixaria da Bolívar. A carne é boa. Gosto porque não tem espinhas. Dentro d'água, eu nunca vi nem cação, mas soube de um dia em que apareceu um mako perto da arrebentação aqui na nossa área. Mako é sinistro. Parece um peixe morto-vivo, aqueles olhos vazios, aqueles dentes parecendo adagas saltando para fora da boca. Mas aquele mako devia estar doente. Ficou besteira até que as ondas o jogassem no rasinho. Encalhou. Alguém matou ele com um pau de barraca e vendeu o bicho justamente para a peixaria da Bolívar. Não sei se a carne presta.

— É agora! — diz PQD, me arrancando dos tubarões.

A gente caminha pela água, ela e a areia mexida do fundo pesando nas pernas. De repente, e essa é uma característica de Copa depois do aterro, vem o abismo. O mar começa assim suave e de repente despenca, fica bem fundo. É nesse ponto que a gente espera as ondas, batendo mãos e pés. Já tem mais uma sequência apontando lá no fundo. Parece uma sucessão de marolas, mas quando trombar com a areia na beira do abismo vai subir que é uma beleza. Pronto. Elas estão

aqui. PQD é mais fominha do que eu e pega logo a primeira da série, mesmo sabendo que vai tomar o resto quase todo na cabeça. Olho ele emergir lá embaixo enquanto tento me colocar para pegar a minha onda. Despenco lá de cima, com as mãos para trás. Dou a cambalhota e me vejo lado a lado com o PQD. A gente ri porque a rainha está vindo e vai estourar bem aqui. Gosto de mergulhar por baixo da onda no último minuto, para apreciá-la em toda a sua beleza e para deixar a força dela me puxar para cima quando passa. Não tem nada mais bonito e potente do que onda. Uma vez eu me ferrei com isso. Calculei mal ou o mergulho ou a força da água. A onda me puxou foi para trás. Despenquei de costas. Quiquei sentado na areia, todo o impacto no meu cóccix. Fiquei surpreso de conseguir mexer as pernas. Dei sorte. Um conhecido meu da Miguel ganhou uma hérnia de disco numa dessas.

— Foi bom pra aquecer — digo ao PQD quando voltamos para além da arrebentação.

Ele não responde. Funga e dá uns tapas na própria cabeça para tirar a água dos ouvidos. Talvez aquela história da dispensa da Brigada Paraquedista seja verdadeira. Talvez o PQD não seja uma companhia segura em nenhuma outra situação, a não ser nessa. Ele nada bem paca e, ainda que tenha que encher a mão fechada na tua cara, vai te tirar do aperto. Não sou tão bom quanto ele, admito, mas continuo aprendendo coisas.

Todo dia a gente aprende, como eu já disse. Hoje, na hora de picar a mula, a gente vai ter que sair nadando paralelamente à praia, na direção do Posto Seis. A corrente está mesmo puxando forte para a esquerda e lá a gente não corre o risco de tomar toda a série pelas costas ao voltar para a areia. Ficar mais ou menos em frente ao ponto em que entramos no mar está dando um trabalhão. É engraçado, ter que nadar forte para ficar quase no mesmo lugar. Eu me posiciono à direita do PQD porque prefiro as esquerdas, sempre. Quase nunca pego onda para a direita porque caio sem querer, antes da hora, na frente dela. Estou trabalhando nisso. Mas só em mares menores, não hoje.

Entre uma sequência e outra, o PQD não tira os olhos do horizonte, como se um maremoto fosse nos surpreender, mas eu gosto de ficar observando a areia, de costas para a ondulação. Sei que é um troço meio narcisista, mas curto ver as pessoas na areia me vendo pegar onda. Só que o dia está tão feio que a bilheteria está fraca. Tem três caras mais novos que eu não conheço. Um casal de turistas barrigudos. Um velho e seu cão pastor, dupla que eu manjo de outros dias. Mais adiante, além da Xavier, dois salva-vidas estão debaixo da barraca vermelha. Estão cagando para a gente. Sabem que quem entra num mar desses se garante. É impressionante como têm muito mais trabalho num marzinho de bosta, tipo verão. Tem mais gente, mas também tem muito menos onda.